

O MESSIAS DE NAZARÉ

O dia seguinte amanheceu trazendo as mais sérias preocupações a Publio e sua família.

Ainda cedo, vamos encontrá-lo em íntimo coloquio com a espôsa, que se lhe dirige em voz súplice e afetuosa:

— Considero, querido, que devias atenuar um pouco os rigores da posição em que o destino nos colocou, procurando esse homem generoso, para benefício de nossa filha. Todos se referem ás suas ações, empolgados pela sua bondade edificadora e eu acredito que o seu coração se apiedará da nossa desdita situação.

O senador ouviu-a apreensivo e preocupado, exclamando afinal:

— Pois bem, Lívia; accederei aos teus desejos, mas só a angústia que nos vai n alma me faz transigir, de maneira tão rude, com os meus princípios.

Não procederei, todavia, conforme sugeres. Irei sozinho á cidade, como se me encontrasse em hora de simples entretenimento, passando pelo trecho do caminho que nos conduz ás margens do lago, sem chegar ao cíumulo de abordar pessoalmente o profeta, de modo a não descer da minha dignidade social e política, e, no caso de sobrevir alguma circunstância favorável, far-lhe-ei sentir o prazer que nos causaria a sua visita, com o fim de reanimar a nossa doentinha.

— Muito bem! — disse Lívia entre confortada e agradecida — guardo n alma a mais sincera e profunda fé! Vai sim, querido!... Ficarei rogando a bênção dos céus para a nossa iniciativa. O profeta que agora surge como verdadeiro médico das almas, saberá que atrás da tua posição de senador do Império, ha corações que sofrem e choram!...

Publio notou que a espôsa se exaltava nas suas considerações, deixando-se conduzir pelo que julgava um

excesso de fraqueza e pieguismo; entretanto, nada lhe admoestou a respeito, em face das amarguras do momento, suscetíveis de desvairar o cérebro mais forte.

Deixou que as horas movimentadas do dia se escoassem com as claridades do poente e, quando o crepúsculo entornava as suas meias-tintas na paisagem maravilhosa, saiu, fingindo distração e alheamento, como se desejasse conhecer de perto a antiga fonte da cidade, motivo de atração para todos os forasteiros.

Após haver percorrido uns trezentos metros de caminho, encontrou transeuntes e pescadores, que se reconheciam e o encaravam com mal disfarçada curiosidade.

Uma hora passou sobre as suas amargas cogitações íntimas.

Um velario imenso de sombras invadia toda a região, cheia de vitalidade e de perfumes.

Onde estaria o profeta de Nazaré naquele instante? Não seria uma ilusão a história dos seus milagres e da sua encantadora magia sobre as almas? Não seria um absurdo procurá-lo ao longo dos caminhos, abstraindo-se dos imperativos da hierarquia social? Em todo caso, deveria tratar-se de um homem simples e ignorante, dada a sua preferencia por Cafarnaum e pelos pescadores.

Dando curso ás idéias que lhe fluiam da mente incendiada e abatida, Publio Lentulus considerou dificilíma a hipótese do seu encontro com o mestre de Nazaré.

Como se entenderiam?

Não lhe interessaria o conhecimento minucioso dos dialéotos do povo e, certamente, Jesus lhe falaria no aramaico, comumente usado na bacia do Tiberiades.

Profundas eismas entornavam-se-lhe do cérebro para o coração, como as sombras do crepusculo que precediam aquela noite.

O céu, porém, aquela hora, era de um azul maravilhoso, enquanto as claridades opalinas do luar não haviam esperado o fechamento absoluto do leque imenso da noite.

O senador sentiu o coração perdido num abismo de cogitações infinitas, ouvindo-lhe o palpitar descompassado no peito oppresso. Dolorosa emoção lhe compungia agora

as fibras mais íntimas do espirito. Apoiara-se, insensivelmente, num banco de pedras enfeitado de silvas e deixara-se ali ficar, sondando o ilimitado do pensamento.

Nunca experimentara sensação identica, senão no sonho memorável, relatado unicamente a Flaminio.

Recordava-se dos menores feitos da sua vida terrestre, afigurando-se-lhe haver abandonado, temporariamente, o cárcere do corpo material. Sentia um profundo êxtase, diante da natureza e das suas maravilhas, sem saber como expressar a admiração e reconhecimento aos poderes celestes, tal a clausura em que sempre mantivera o coração insubmisso e orgulhoso.

Das aguas mansas do lago de Genesaré parecia-lhe emanarem suavíssimos perfumes, casando-se deliciosamente ao aroma agreste da folhagem.

Foi nesse instante que o espirito, como se estivesse sob o império de estranho e suave magnetismo, ouviu passos brandos de alguém que buscava aquele sítio.

Diante de seus olhos ansiosos, estacara uma personalidade inconfundível e única. Tratava-se de um homem ainda moço, que deixava transparecer nos olhos, profundamente misericordiosos, uma beleza suave e indefinível. Longos e sedosos cabelos molduravam-lhe o semblante compassivo, como se fôssem fios castanhos, levemente dourados por uma luz desconhecida. Sorriso divino, revelando ao mesmo tempo bondade imensa e singular energia, irradiava da sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível.

Publio Lentulus não teve dificuldade em identificar aquela criatura impressionante, mas, no seu coração marylhavam ondas de sentimentos que, até então, lhe eram ignorados. Nem a sua apresentação a Tíberio, nas magnificencias de Capri, lhe haviam imprimido tal emotividade ao coração. Lágrimas ardentes rolaram-lhe dos olhos que, raras vezes, haviam chorado, e uma fôrça misteriosa e invencível fê-lo ajoelhar-se na relva lavada em luar. Desejou falar, mas tinha o peito sufocado e oprimido. Foi quando, então, num gesto de doce e soberana bondade, o meigo nazareno caminhou para ele, qual visão concretizada de um dos deuses de suas antigas crenças

e, pousando carinhosamente a dextra na sua frente, exclamou em linguagem encantadora, que Publio entendeu perfeitamente, como se ouvisse o idioma patrício, dando-lhe a inesquecível impressão de que a palavra era de espirito para espirito, de coração para coração:

— Senador, porque me procuras — e, espiando o olhar profundo na paisagem, como se desejasse que a sua voz fôsse ouvida por todos os homens do planeta, rematou com serena nobreza: Fôra melhor que me procurasses publicamente e na hora mais clara do dia, para que pudesses adquirir, de uma só vez e para toda a vida, a lição soberana da fé e da humildade... Mas, eu não vim ao mundo para derrogar as leis supremas da natureza e venho ao encontro do teu coração desfalecido...

Publio Lentulus nada pôde exprimir, além das suas lágrimas copiosas, pensando amargamente na filhinha; mas o profeta, como se prescindisse das suas palavras articuladas, continuou:

— Sim... não venho buscar o homem de Estado, superficial e orgulhoso, que só os séculos de sofrimento podem encaminhar ao regaço de meu Pai; venho atender as súplicas de um coração desditoso e oprimido e, ainda assim, meu amigo, não é o teu sentimento que salva a filhinha leprosa e desvalida pela ciencia do mundo, porque tens ainda a razão egoística e humana; é, sim, a fé e o amor de tua mulher, porque a fé é divina... Basta um raio só de suas energias poderosas para que se pulverizem todos os monumentos das vaidades da Terra...

Comovido e magnetizado, o senador considerou, intimamente, que seu espirito pairava numa atmosfera de sonho, tais as comoções desconhecidas e imprevistas que se lhe represavam no coração, querendo crer que os seus sentidos reais se achavam travados num jôgo incompreensível de completa ilusão.

— Não, meu amigo, não estás sonhando... — exclamou meigo e energico o Mestre, adivinhando-lhe os pensamentos. — Depois de longos anos de desvio do bom caminho, pelo sendal dos erros clamorosos, encontras, hoje, um ponto de referencia para a regeneração de toda a vida.

“Está, porém, no teu querer o aproveitá-lo agora, ou daqui a alguns milenios... Se o desdobramento da vida humana está subordinado ás circunstancias, és obrigado a considerar que elas existem de toda a natureza, empurrando ás criaturas a obrigação de exercitar o poder da vontade e do sentimento, buscando aproximar seus destinos das correntes do bem e do amor aos semelhantes.

“Só para teu espirito, neste momento, um minuto glorioso, se conseguires utilizar a tua liberdade para que seja de, em teu coração, doravante, um canto de amor, de humildade e de fé, na hora indeterminável da redenção, dentro da eternidade...”

“Mas, ninguém poderá agir contra a tua propria consciencia, se quiseres desprezar indefinidamente este minuto ditoso!

“Pastor das almas humanas, desde a formação dêste planeta, ha muitos milenios venho procurando reunir as ovelhas tresmalhadas, tentando trazer-lhes ao coração as alegrias eternas do reinado de Deus e de sua justiça!...”

Publio fitou aquele homem extraordinario, cujo desassombro provocava admiração e espanto.

Humildade? Que credenciais lhe apresentava o profeta para lhe falar assim, a êle senador do Império, revestido de todos os poderes diante de um vassalo?

Num minuto, lembrou a cidade dos césares, coberta de triunfos e glórias, cujos monumentos e poderes acreditava, naquele momento, fôssem imortais.

Todavia, Jesus, lendo as páginas mais reconditas do livro de sua alma, revidou com infinita brandura:

— Todos os poderes do teu império são bem fracos e todas as suas riquezas bem miseraveis...

“As magnificencias dos césares são ilusões efêmeras de um dia, porque todos os sabios, como todos os guerreiros são chamados, no momento oportuno, aos tribunais da justiça de meu Pai que está no Céu. Um dia, deixarão de existir as suas aguias poderosas, sob um punhado de cinzas misérrimas. Suas ciencias se transformarão ao sopro dos esforços de outros trabalhadores mais dignos do progresso, suas leis iníquas serão tragadas no abismo te-

nebroso dêstes seculos de impiedade, porque só uma lei existe e sobreviverá aos escombros da inquietação do homem — a lei do amor, instituida por meu Pai, desde o princípio da criação...

“Agora, volta ao lar, conciente das responsabilidades do teu destino...”

“Se a fé instituiu na tua casa o que consideras a alegria com o restabelecimento de tua filha, não te esqueças que isso representa um agravo de deveres para o teu coração, diante de nosso Pai, Todo Poderoso!...”

O senador quis falar, mas a voz tornara-se-lhe embargada de comoção e de profundos sentimentos.

Desejou retirar-se, porém, nesse momento, notou que o profeta de Nazaré se transfigurava, de olhos fitos no céu...

Aquele sítio deveria ser um santuário de suas meditações e de suas preces, no coração perfumado da natureza, porque Publio adivinhou que êle orava intensamente, observando que lágrimas copiosas lhe lavavam o rosto, banhado então por uma claridade branda e misericordiosa, evidenciando a sua beleza serena e indefinível melancolia...

Nesse instante, contudo, suave torpor paralisou as faculdades de observação do patrício, que se aquietou estarrecido.

Devia ser precisamente nove horas da noite quando o senador sentiu que despertava.

Uma leve aragem acariciava-lhe os cabelos e a lua entornava seus raios argenteos no espelho carinhoso e imenso das aguas.

Guardando na memória os mínimos pormenores daquele minuto inesquecível, Publio sentiu-se humilhado e diminuido, em face da fraqueza de que dera testemunho, diante daquele homem extraordinario.

Uma torrente de idéias antagonicas represava-se-lhe no cérebro, acerca-de suas admoestações e daquelas palavras agora arquivadas para sempre no âmago da sua consciencia.

Tambem Roma não possuia os seus bruxos e feiticeiros? Buscou rememorar todos os dramas misteriosos

da cidade distante, com as suas figuras impressionantes e incompreensiveis.

Não seria aquele homem uma cópia fiél dos magos e adivinhos que preocupavam igualmente a sociedade romana?

Deveria êle, então, abandonar as suas mais caras tradições de patria e familia para tornar-se um homem humilde e irmão de todas as criaturas? Sorria consigo mesmo, na sua presumida superioridade, examinando a inanidade daquelas exortações que considerava desprezíveis. Entretanto, subiam-lhe do coração ao cérebro outros apelos comovedores. Não falara o profeta da oportunidade única e maravilhosa? Não prometera, com firmeza, a cura da filhinha á conta da fé ardente de Lívia?

Mesgulhado nessas cogitações íntimas, abriu cautelosamente a porta da residencia, encaminhando-se ansioso ao quarto da enferma e, oh! suave milagre! a filhinha repousava nos braços de Lívia, com absoluta serenidade.

Sobrehumana e desconhecida fôrça mitigara-lhe os padecimentos atrozes, porque seus olhos deixavam entrever uma doce satisfação infantil, iluminando-lhe o semblante risonho. Lívia contou-lhe, então, cheia de júbilo maternal, que, em dado momento, a pequenina dissera experimentar na fronte o contacto de mãos carinhosas, sentando-se em seguida no leito, como se uma energia misteriosa lhe vitalizasse o organismo de maneira imprevista. Alimentara-se, a febre desaparecera contra todas as expectativas, ela já revelava atitudes de convalecente, palestrando com a mæzinha, com a graça espontanea da sua meninice.

Terminado o relato, a jóven senhora concluiu com entusiasmo:

— Desde que saíste, eu e Ana orámos com fervor junto da nossa doentinha, implorando ao profeta que atendesse ao teu apêlo, ouvindo os nossos rogos e agora, eis que a nossa filhinha se restabelece!... Poderá, querido, haver felicidade maior do que esta?... Ah! Jesus deve ser um emissario direto de Júpiter, enviado a este mundo em gloriosa missão de amor e de alegria para todas as almas!...

Ana, porém, que escutava comovida, interveiu num gesto espontaneo e incoercivel, oriundo da grata satisfação daquele momento:

— Não, minha senhora!... Jesus não vem da parte de Júpiter. Ele é o Filho de Deus, seu Pai e nosso Pai que está nos céus e cujo coração está sempre cheio de bondade e misericordia para todos os sérbes, conforme o Mestre nos ensina. Louvemos, pois, ao Todo Poderoso pela graça recebida, agradecendo a Jesus com uma prece de humildade...

Publio Lentulus acompanhou a cena, em silencio, intimamente contrariado, com o verificar a intimidade estreita de sua mulher com uma simples serva da casa. Observou, com profundo desagrado, não só a espontaneidade da gratidão entusiástica de Lívia, como a introdução de Ana na conversa, o que considerava uma ousadia. Num relance, mobilizou todas as reservas do seu orgulho para restabelecer a disciplina interna da sua casa e, retomando o aspecto arrogante da sua expressão fisionomica, dirigiu-se secamente á espôsa.

— Lívia, torna-se preciso que te coibas dêstes arrebatamentos! Afinal, não vejo nada de extraordinario no que acaba de ocorrer. Nada tem faltado á nossa doente, no tocante ao tratamento e cuidados necessarios, e era lógico que esperassemos uma reação salutar do organismo, em face da nossa continuada assistencia.

Quanto a ti, Ana — disse voltando-se com arrogancia para a serva intimidadada — acredito já cumprida a missão que te fazia demorar neste quarto, porquanto, considerando as melhoras da menina, não vejo necessidade da tua permanencia junto da patrõa, que trouxe de Roma as servas do seu serviço pessoal.

Ana fitou compungidamente a senhora, que mostrava no rosto os sinais evidentes da sua amargura pelo imprevisto daquelas palavras intempestivas e, fazendo ligeira e respeitosa mesura, saiu do aposento onde havia empregado as melhores energias da sua fraternal abnegação.

— Que é isso, Publio? — perguntou Lívia fundamentalmente comovida. — Justamente agora, quando deve-

riámos mostrar a alegria do nosso reconhecimento, procedes com semelhante aspereza?

— Tuas infantilidades obrigam-me a fazê-lo. Que dirão da matrona que se dá de alma aberta ás suas escravas mais humildes? Como se haverá o teu coração com estes excessos de confiança? Noto com desgôsto que entre nós existem, agora, profundas divergências. Por que essa demasiada confiança no profeta de Nazaré, quando ele não é superior aos magos e feiticeiros de Roma? E, além disso, onde colocas as tradições de nossas divindades familiares, se não sabes guardar a fé em torno do altar doméstico?

— Não concordo contigo, querido, nestas ponderações. Tenho plena convicção de que a nossa Flavia foi curada por esse homem extraordinário... No instante de sua melhora súbita, quando ela nos falava das mãos sublimadas que a acariciavam, vi, com os meus olhos, que o leito da doentinha estava saturado de uma luz diferente, como nunca havia visto, até então...

— Luz diferente? Certo desvairas, depois de tantas fadigas; ou enão, estás contagiada das alucinações dêste povo de fanáticos, em cujo seio tivemos a pouca sorte de cair...

— Não, meu amigo, não se trata de um desvario. Não obstante as tuas palavras, que reconheço partidas do coração que mais adoro e admiro na Terra, tenho a certeza de que o Mestre de Nazaré acaba de curar nossa filhinha e, quanto á Ana, querido, acho injusta a tua atitude, aliás, em desacordo com a tua proverbial generosidade com os servos de nossa casa. Não podemos nem devemos esquecer que ela tem sido de uma dedicação a toda prova, junto de mim e de nossa filha, nestes lugares ermos. Outras podem ser as suas crenças, mas presumo que a sua conduta honesta e santificante só pode honrar o serviço de nossa casa.

O senador considerou a elevação dos conceitos da mulher, sentindo-se arrependido do seu ato de impulsividade e capitulando diante do bom-senso daquelas palavras:

— Está bem, Lívia, aprecio-te a nobreza do coração e estimarei a continuidade de Ana nos teus serviços privados; mas, não transijo no caso da cura de nossa filhinha. Não admito que se atribua ao mago de Nazaré o restabelecimento da menina. Quanto ao nais, deverás lembrar sempre, que me apraz saber só a min reservadas a tua confiança e intimidade. A servos ou desconhecidos, não deve o patrício, e com especialidade a matrona romana, abrir as portas do coração.

— Sabes como acato as tuas ordens — disse-lhe a espôsa, mais confortada, dirigindo-lhe um olhar carinhoso e agradecido — e peço-te perdoar-me se te ofendi a alma generosa e sensível!...

— Não, minha querida, se existe aqui um problema de perdão, sou eu quem deve pedi-lo, mas não desconheces que esta região me atormenta e apavora. Sinto-me confortado, reconhecendo a reação benéfica da natureza orgânica da nossa filhinha, porque isto significa o nosso regresso á Roma em tempo breve. Esperaremos, apenas, mais alguns dias e amanhã mesmo pedirei a Sulpício iniciar as providências para a nossa volta.

Lívia concordou com as observações do marido, agradando a filhinha reanimada e refeita do abatimento profundo que a prostrara por espaço de muitos dias. Intimamente, agradecia, satisfeita, a Jesus, pois falava-lhe o coração que o acontecimento era uma benção celestial que o Pai dos Céus lhe enviara ao espírito maternal, através das mãos caridasas e santas do Mestre.

Publio, contudo, obedecendo ao impulso de suas vaidades pessoais, não desejava recordar a figura extraordinária que tivera ante os olhos deslumbrados. Arquitava castelos de teorias na sua imaginação superexcitada, para afastar a interferência direta daquele homem no caso da cura da filhinha, respondendo, assim, ás objeções do seu próprio espírito de observador e analista meticuloso.

Não podia esquecer que o profeta o envolvera em forças ignoradas, emudecendo-lhe a voz e fazendo-o ajoelhar-se, doendo-lhe ao orgulho despótico essa circunstância, considerada como dolorosa humilhação.

Idéias martirizantes povoavam-lhe o cérebro exhausto de tantas lutas interiores e, depois de uma invocação aos genios protetores da familia, no altar doméstico, buscou repousar das amargas fadigas íntimas.

Naquela noite, todavia, sua alma experimentava as mesmas recordações da existencia pregressa, nas asas caricias do sonho.

Viu-se vestido com as mesmas insignias de Consul ao tempo de Cícero, reviu as atrocidades praticadas por Publio Lentulus Sura, sua expulsão do Consulado, as reuniões secretas de Lucio Sergius Catilina, as perversidades revolucionarias, sentindo-se de novo levado á presença daquele mesmo tribunal de juizes austeros e venenosos, que no sonho anterior lhe haviam notificado o seu renascimento na Terra, em uma época de grandes claridades espirituais.

Diante daqueles magistrados veneraveis, ostentando togas alvas de neve, experimentou uma sensação amarga de angústia, batendo-lhe descompassadamente o coração.

O mesmo juiz respeitavel levantou-se no ambiente sublimado de luces espirituais, exclamando:

— Publio Lentulus, por que desprezaste o minuto glorioso, com o qual poderias ter comprado a hora interminavel e radiosa da tua redenção na eternidade?

Estiveste, esta noite, entre dois caminhos — o do servo de Jesus e o do servo do mundo. No primeiro, o jugo seria suave e o fardo leve; mas, escolheste o segundo, no qual não existe amor bastante para lavar toda a iniquidade... Prepara-te, pois, para trilhá-lo com valorosa coragem, porque preferiste o caminho mais escabroso, em que faltam as flores da humildade para atenuar o rigor dos espinhos venenosos!...

Sofrerás muito, porque nessa estrada o jugo é inflexivel e o fardo pesadissimo; mas agiste com liberdade de conciencia, no jôgo amplo das circunstancias de tua vida... Conduzido a uma oportunidade maravilhosa, perseveraste no proposito de percorrer a via amarga e dolorosa das provações mais ríspidas e mais agudas.

Não te condenamos, para tão sómente lamentar o endurecimento do teu espirito em face da verdade e da

luz! Retempera todas as fibras do teu valor, pois enorme ha de ser, doravante, a tua luta!...

Ouvia, atento, aquelas exortações comovedoras, mas, nesse intante despertou para as sensações da vida material, experimentando singular abatimento psíquico, a par de uma tristeza indefinivel.

Ainda cedo, sua atenção foi reclamada por Lívia, que lhe apresentava a pequena Flavia, convalecente e feliz. A epiderme como que se alisara, submetida a um processo terapeutico desconhecido e maravilhoso, desaparecendo os tons violaceos que, anteriormente, precediam as rosas de chaga-viva.

O senador recuperou alguma cousa da sua serenidade íntima, com o verificar as melhoras positivas da filhinha, que apertou amorosamente de encontro ao coração, exclamando mais tranquilo:

— Lívia, é bem verdade que ontem á noite estive com o chamado mestre de Nazaré, mas, com a lógica da minha educação e dos meus conhecimentos, não posso admitir seja êle o autor do restabelecimento de nossa filha.

E, de seguida, passou a relatar de modo superficial os acontecimentos que já conhecemos, sem referir, todavia, os pormenores que mais o impressionaram.

Lívia ouviu atenciosamente a narrativa, mas, notando-lhe as íntimas disposições de espirito para com o profeta, que ela considerava uma criatura superior e veneravel, não quis externar todo o seu pensamento em torno do assunto, receosa de um atrito de opiniões, inopportuno e injustificavel. No seu coração, louvava e agradecia áquele Jesus carinhoso e compassivo, que lhe atendera ás angustiosas súplicas maternais e, no imo da alma acariciava a esperança de beijar-lhe a fímbria da túnica, com humildade, em testemunho do seu sincero reconhecimento, antes de regressar á Roma.

Quatro dias decorridos, a enferma apresentava sinais evidentes do mais seguro restabelecimento físico, dando motivo ao mais amplo jubilo de todos os corações.

Em radiosa manhã, vamos encontrar a joven Lívia acalentando o filhinho, prestes a completar um ano, e instruindo a criada de nome Semele, de origem judia, de-

signada para velar pela criancinha, tal o interesse que demonstrara pelo pequenino Marcus, desde o instante de sua admissão ao serviço. Em dado momento, exclama a serva apontando para o largo caminho empedrado:

— Senhora, lá vêm dois cavaleiros desconhecidos, a todo galope.

Ouvindo-lhe a observação, Lívia pôde vê-los, igualmente, ao longo da estrada ampla, e logo se foi para o interior, afim-de prevenir o marido.

Efetivamente, daí a minutos, estacavam á porta dois cavalos suados e ofegantes. Um homem trajado á romana, em companhia de um guia judeu, apeava rápido e bem disposto.

Tratava-se de Quirilius, liberto de confiança de Flaminio Severus, que vinha, em nome do patrão, trazer a Publio e familia algumas notícias e numerosas lembranças.

Essa surpresa amavel encheu o dia de gratas recordações e sadios prazeres, motivando horas das mais risonhas alegrias. O nobre patrício não esquecera os amigos distantes e entre as notícias confortadoras e consideravel remessa de dinheiro, vieram doces lembranças de Calpurnia, endereçadas á Lívia e aos dois filhinhos.

Naquele dia, Publio Lentulus ocupou-se tão sómente de encher numerosos rôlos de pergaminho, por mandar ao companheiro de luta notícias minuciosas de todas as ocorrências. Entre elas estava a bôa-nova do restabelecimento da filhinha, atribuido ao clima adorável da Galiléia. Mas, como possuia naquele valoroso descendente dos Severus uma alma de irmão dedicado e fiél, a cujo coração jamais deixara de confiar as mais recônditas emoções do seu espírito, escreveu-lhe longa carta, em suplemento, com vistas ao Senado Romano, sobre a personalidade de Jesus Cristo, encarando-a, serenamente, sob o estrito ponto de vista humano, sem nenhum arrebataamento sentimental. E, por fim, Publio e Lívia anuciavam alegremente aos seus amigos distantes, que retornariam á Roma possivelmente dentro de um mês, dado o perfeito restabelecimento da pequena Flavia.

Terminado o longo expediente, já era tarde; mas, nesse mesmo dia, ao caír da noite, quando os dois esposos se entretinham no triclinio a reler as doces palavras dos queridos ausentes, tecendo as esperanças risonhas do breve regresso, eis que Sulpicio se faz anunciar em companhia de um mensageiro de Pilatos.

Atendendo-os no gabinete particular, o senador recebe a visita do emissario, que se lhe dirige respeitosamente, nestes termos:

— Ilustríssimo, o senhor governador da Judéia par-
ticipa-vos haver chegado á sua residencia dos arredores de Nazaré, onde espera o grato prazer de vossas ordens e notícias.

— Agradecido! replicou Publio bem humorado, acrescentando: — Ainda bem que o senhor procurador não está distante, ensejando-me pouca demora em Jerusalém, no meu regresso á Roma em breves dias!...

Algumas expressões protocolares foram trocadas, mas Publio Lentulus não reparou nas atitudes de Sulpicio, que lhe daitava olhares significativos.

VI

O RAPTO

Ao tempo do Cristo, a Galiléia era um vasto celeiro que abastecia quasi toda a Palestina.

Nessa época, o formoso lago de Genesaré não apresentava nível tão baixo, como na atualidade. Todo o terreno circunvizinho era de regadio, em vista das fontes numerosas, dos canais e do serviço das nóras que elevavam as águas, dando origem á uma vegetação luxuriante que enfeitava de frutos e enchia de perfumes aquelas paisagens paradisiacas.

O trigo, a cevada, as abóboras, as lentilhas, os figos e as uvas eram elementos de semeadura e colheita em todo o ano, dando á vida satisfação e abundância. Nas